

Anarquia e Hedonismo: encontros entre a política e a ética.

João da Mata- somaterapeuta

Como traçar paralelos entre o prazer e a anarquia sem cair no lugar comum dos puritanos, que elegem a libertinagem e a liberdade como virtudes banais e egoístas? A atitude libertária, eleita há muito tempo como sinônimo de baderna e condição pré-política, vem encontrando terreno para uma reflexão sobre novas formas de atuação no meio social. Nesse propósito, o filósofo francês Michel Onfray tem reunido em seus estudos, especialmente em “A Política do Rebelde – tratado de resistência e insubmissão” (1999) e “A escultura de si” (1995) elementos para uma ética hedonista que está em permanente articulação com uma forma singular e libertária de fazer política. Ao criar a figura conceitual do *Condottiere*¹, com fortes influências nitzchianas, Onfray lança mão de uma estética existencial anárquica e hedonista: “O *condottiere* pratica uma moral elevada e de afirmação, uma inocência, uma audácia e uma vitalidade que transbordam. Sua ética é também uma estética: às virtudes que amesquinham, ele prefere a elegância e a cortesia, o estilo e a energia, a grandeza e o trágico, a prodigalidade e a magnificência, o sublime e a eleição, o virtuosismo e o hedonismo – uma autêntica teoria das paixões destinada a produzir uma bela individualidade, uma natureza artística cujas aspirações seriam o heroísmo, ou a sanidade que permite um mundo sem Deus, desesperadamente ateu, esvaziado de tudo, exceto das potencialidades e das decisões que o fazem expandir-se.”(ONFRAY, 1995, p.19). Michel Onfray vê o *Condottiere* com um condutor de sua existência, numa tentativa de realizar um homem total, completo, um soldado guerreiro.

Este personagem, com um tanto do cinismo grego, cria em relação à existência uma forma de (re) inventar o que seria uma postura libertária, insubmissa e hedonista nos dias de hoje. Segundo Onfray, mais do que doutrinas ideológicas, o que interessa ao *Condottiere* são os espaços de criação de vida onde a articulação permanente entre o eu e o outro se constitui na descoberta e no exercício da individualidade. Construção concreta, praticada no exercício da vida cotidiana. Neste sentido, Onfray está mais preocupado com as pequenas revoluções individuais - algo que passa pelo corpo e pelo cotidiano - do com o Estado, por exemplo. Sua idéia fixa lugar numa estática da

¹ Os **condottieri** (no singular, *condottiere* – do italiano para "comandante", derivado por sua vez do latim *conducere*, "conduzir") eram líderes mercenários empregados pelas cidades-estado italianas durante a Idade Média (principalmente nos séculos XIV e XV. Surgiram a partir da necessidade de defesa que as cidades italianas, em constante rivalidade.

existência que reverencia o exercício do prazer como fio condutor de uma forma de esculpir a vida, com ares jubilosos e artísticos.

De fato, o Condottiere desagrada e incomoda com sua atitude cínica e subversiva. Um cinismo ao modo dos antigos como Diógenes, por exemplo, que se contrapõe a um tipo de cinismo vulgar, tão observado nos dias de hoje: “O filósofo cínico carrega em si uma incurável vontade de dizer não, de desmascarar o conformismo através de hábitos. O cínico é a figura emblemática do autêntico filósofo definido como ‘a consciência crítica da (sua) época’.” (ONFRAY, 1990, p.29). A defesa do anarco-hedonismo é a luta para desfazer toda uma tradição de passividade, agenciamento do corpo e valorização do sagrado. Onfray acredita que é possível assim resolver a condição existencial de maneira estética, calcada muito mais na alegria e na busca do prazer, que na repetição, na mesmice e na mediocridade.

O individualismo radical, já defendido por Max Stirner², ultrapassa a visão rasa dos que confundem com o mero egoísmo. Stirner, pensador alemão do século dezanove, considerado por muitos um idealista libertário do individualismo, “proclamou o Eu contra todos os absolutos e gritou bem alto que a ‘única causa válida é a Minha” e que por isso “seu individualismo se diferencia do egoísmo acomodado e alienado dos cidadãos deste final de século” (DIAZ, 2002, p.7). É com essa defesa intransigente da soberania do individual, que Onfray defende a construção de sua estética de vida, inclusive pensando junto com Stirner.

Como em boa parte da filosofia francesa contemporânea, o pensamento de Onfray é fortemente influenciado por Nietzsche. A partir da frase “Para mim é tão odioso seguir quanto guiar”, do livro “A Gaia da Ciência”, Onfray inicia a construção de sua política rebelde, anárquica e hedonista. O interessante desta união é a possibilidade de pensar o anarquismo no presente. Sem descartar as influências dos pensadores libertários do século XIX, quando se travavam os principais debates socialistas, nas Internacionais Comunistas, o que interessa aqui é conjugar as problemáticas atuais e os elementos de uma atitude libertária no cotidiano. O pensamento anarquista clássico é algo datado, próprio de uma época e que não pode transcender seu tempo. O Estado, que nas lutas políticas do século dezanove era a principal representação do poder, deixa de ser o foco e o grande “mal” a ser combatido e passa a representar apenas uma esfera, no plano da macro-estrutura de algo que se inicia nas relações mais elementares e moleculares. A esse pensamento arcaico do anarquismo, novas possibilidades de intervenção se fazem necessárias. Frente às mudanças que as sociedades

² Conhecido por defender o “individualismo”, essa idéia implica que “o ser único” que realmente “é dono de si mesmo” não reconhece nenhum dever para com outros. Dentro dos seus limites, ele faz o que é certo *para com ele mesmo*. (Dicionário do Pensamento Social do século XX)

enfrentaram e continuam à enfrentar, o pensamento libertário atual se apóia mais em práticas contra posturas micro-fascistas. De qualquer forma, refletir as possibilidades de uma ética hedonista e uma prática política libertária para pensarmos o tempo presente, continua sendo algo a importunar as elites e os defensores do asceticismo revolucionário, onde o dever e a obrigação sempre se colocam antes e em primeiro lugar que o prazer.

Num mundo sem Deus, onde o niilismo se faz presente e com ele o triunfo do universal e da verdade, resta à Ética a possibilidade de constituir uma vida prática calcada na construção de modos de existir. Neste cenário marcadamente ressentido, dominado pela vontade do nada e impregnado por um cenário fortemente mercantilista, o capitalismo pós-industrial torna o prazer mais uma mera mercadoria, descartável e consumível. Não seria então o hedonismo facilmente confundido como virtude fácil e vulgar? É comum percorrer lugares-comuns do prazer enquanto sensação do agradável diante de estímulos, do gozo barato (ou caro, como queiram), cujo seu oposto, a dor, é recusável e afastada a todo custo.

Em resposta ao capitalismo consumista do “Deus mercado”, em sua vertente globalizada, a anarquia hedonista de Michel Onfray reverencia o ser, em contrapartida ao ter e ao consumo desenfreado. Seu hedonismo ético busca os atos conscientes no exercício do prazer enquanto valor. Ao constituir uma ética do prazer, Michel Onfray busca nos cirenaicos, em Epicuro, na Grécia Antiga do helenismo e em uma espécie de varredura hedonista ao longo da história, os fundamentos de uma ética que não se funda nos prazeres sensíveis ou imediatos. Mas ao contrário, defende os prazeres mais amplos, duradouros e superiores, onde o bem é baseado em valores estéticos e artísticos. E propõe uma “escultura de si”, baseados na busca da elegância e do prazer como forma de esculpir sua existência, exuberante e jubilosa como forma de enfrentar e superar o niilismo contemporâneo.

Buscar raízes do pensamento de Michel Onfray nos faz recorrer a uma genealogia do hedonismo ao longo da história. Inicialmente à filosofia antiga, num percurso situado entre as primeiras escolas filosóficas e o entendimento da filosofia enquanto modos de vidas. Temos aí, especialmente a filosofia da época helenística³, um período extremamente vigoroso, mas pouco conhecido e de forma parcial devido à escassez de material conservado desse período. Boa parte dos escritos dessa época se perdeu no decorrer da história, e o que nos chega até hoje são fragmentos e compilações que não representa de longe o todo das obras dos principais filósofos. Em função disso, é

³ A palavra “helenística” designa tradicionalmente o período da história grega que se estende de Alexandre Magno, o Macedônio, até a dominação romana, portanto do fim do século IV^aC. ao fim do século I a.C. *O que é a filosofia antiga*: Pirre Hadot, 2004.

comum pensar que o período helenístico da filosofia grega representa uma época decadente ou mesmo corrompida da civilização grega, pelo contato com o Oriente, pela passagem do regime democrática para a monarquia e pelo fim da liberdade política. Tem-se ainda a noção de que o grande período da filosofia antiga tenha sido o período dos pré-socráticos, dos trágicos, do platonismo. No entanto, é errôneo pensar que a atividade cultural desse período não tenha continuado intensa. Segundo Pierre Hadot (2004), 'é comum pensar que os filósofos da época helenística, diante de sua incapacidade de agir na cidade, teriam desenvolvido uma moral do indivíduo e teriam se voltado para a interioridade...' Contudo, em contrapartida, os filósofos desse período jamais se desinteressaram da política, desempenhando sempre o papel de conselheiros de governantes.

Michel Onfray numa espécie de "filosofia herética" vai resgatar na tradição grega o hedonismo como ponto de partida para a construção de sua *escultura de si*. Sua genealogia do prazer se inicia com o fundador da Escola cirenaica Aristipo de Cirene (c. 435-355 a.C.): "meio termo entre o saltimbanco e o vagabundo, terrivelmente subversivo e preocupado com seus efeitos, ele rompe com Sócrates, de quem registrou o talento para a subversão" (OFRAY, 1999, p. 236). A virtude da ética de Aristipo é o hábito de bem gozar o prazer. Porém, sua definição é dinâmica e positiva, valorizando um jogo de forças que leva o indivíduo a aproximar-se do agradável e distanciar-se do que lhe produz desprazer. Segundo Diógenes: "há dois estados da alma: a dor e o prazer. O prazer é um movimento suave a agradável, a dor um movimento violento e penoso. Um prazer não difere de outro prazer, um prazer não é mais agradável que outro prazer. Todos os seres vivos buscam o prazer e fogem da dor." (DIÓGENES, 1988, p.130). Onfray vê no hedonismo dos cirenaicos, uma postura nietzschiana como um grande sim à vida, valorizando o gozo com ética. Não vê a satisfação do espírito como superior ao do ventre ou do baixo-ventre, daí a opção materialista e imanente dos cirenaicos.

Ao Epicurismo, considerado por muitos o grande defensor do hedonismo, Onfray faz ressalvas: "os tristes epicuristas assimilam o prazer à satisfação negativa, à quietude que atua nos cadáveres." Dos cínicos, vai apoiar-se para a construção de uma postura afirmativa e insubmissa: atuar com um cínico significa "formara a existência com uma obra de arte: dotar de volume, superfície, natureza, densidade, consistência e harmonia o cotidiano, para desta forma, transfigura-lo. A vida deve ser querida, pensada e desejada da mesma forma que um artista dedica toda sua energia a produzir um objeto único e não um duplicado."

Ao rebater a visão míope e ascética dos puristas de plantão que proclamam o hedonismo como condição egoísta, Michel Onfray valoriza o exercício da singularidade e a da individualidade, que se originam da relação com o outro. O hedonismo é, pois, dinâmico e considera que não existe prazer possível sem consideração do outro. O prazer individual só é possível de se constituir na interação, na troca que se faz presente enquanto existência. A amizade, dessa forma, é o caminho para uma relação que se pretende horizontal, combatendo desigualdades e compartilhando prazeres. No entanto, isso não se dá por humanismo ou caridade, mas por ser no outro e com o outro que cada um extrai sua experiência. Quando essa regra de troca e equilíbrio se desfaz ou de desequilibra, há falta de simetria e há falta de ética, conseqüentemente leva para uma tendência egocêntrica.

O hedonismo de Onfray luta para que a filosofia passe a encarar o corpo por inteiro. Logo os sentidos sensoriais são recuperados à serviço dos prazeres e elevados a condição de uma “metralhada giratória” contra toda uma genealogia do encarceramento do corpo no pensamento ocidental. Desde Platão, que primeiro legitimou o chamado dualismo platônico: a submissão da carne ao ideal de uma forma universal. O inteligível, espiritual, visão idealista que despreza o sensível, o corpo, a carne, o prazer. Depois toda a tradição judaico-cristã, onde o processo de evangelização não poupou no passado nem no presente a apologia da renúncia de “qualquer utilização sensual, sexual” do corpo: “digamos que só importa o júbilo, o resto é livre de interpretação e é questão de subjetividade. Corpo em movimento, carne percorrida por energias agradáveis, desvencilhadas de tensões desagradáveis, órgãos suscitados pelo que podem trazer de bem-estar, o hedonismo é uma filosofia da matéria corporal, uma sabedoria do organismo.”(ONFRAY, 1999, p. 239).

Michel Onfray vai buscar também no hedonismo uma ética que se faça possível diante desse cenário nihilista enquanto construção da existência. No entanto um hedonismo que está em permanente articulação com uma postura rebelde e não de passividade diante das realidades que se colocam diante de nós, que busca no enfrentamento desses valores uma postura afirmativa diante da vida. Esta é a proposta de Onfray, cuja filosofia anarquista rejeita uma ordem maior, social, que decida o que deve ser feito, a favor de uma rebeldia ética do indivíduo fundada no hedonismo.

O significado da palavra *anarquia* vem do grego e indica a ausência ou negação de governos e/ou governantes. O pensamento anarquista foi mais delimitado no século XIX, através de pensadores como Mikhail Bakunin, Pierre-Joseph Proudhon, Enrico Malatesta, entre outros. Foi durante as assembléias nas Internacionais dos

Trabalhadores - congressos de trabalhadores onde se debatiam as possibilidades de ações do socialismo – as disputas entre os chamados socialistas científicos, liderados por Karl Marx e os anarquistas liderados por Bakunin, que se desenhou a cartografia dos dois pensamentos fundamentais na luta dos trabalhadores. Ao contrário da tomada do poder e implantação de uma “ditadura do proletariado” proposto pelo marxismo, os anarquistas assumiram uma posição radical. Nas palavras de Proudhon, anarquista do século XIX, “quem quer que seja que ponha as mãos sobre mim, para me governar, é um tirano. Eu o declaro meu inimigo”.

O anarquismo - ou anarquismos em função da variedade de possibilidades de ação do pensamento libertário - privilegia a autogestão, a luta contra o autoritarismo ou qualquer outra forma de organização hierárquica e fundamentalmente a defesa da individualidade em conjugação com a justiça social. É um conjunto de idéias constituídas de uma ética filosófica, política, cultural e estética na qual não há autoridade coercitiva. A busca da liberdade é algo tão antigo quanto à própria humanidade e, de alguma forma, emergiu com a própria noção de vida. No homem, a força social de liberdade, de criatividade e de responsabilidade é fundamental à sua condição, e sua busca será sempre notada e percebida.

Enquanto conjunto de idéias, o anarquismo é defensor do combate sistemático ao poder centralizador. Como o poder não pode ser destruído definitivamente e a liberdade não pode ser determinada, mas conquistada, estes dois processos caminham juntos e estão em permanente construção da liberdade. Portanto, ao anarquismo, não interessa a tomada do poder e a implantação de um “regime anarquista”, pois seria uma contradição ao próprio princípio básico de sua crítica. O que interessa ao pensamento libertário é a permanente postura anti-autoritária, seja em que esfera for, buscando e ampliando os espaços de liberdade e autonomia. Ao defender uma atitude rebelde, Michel Onfray pensa muito mais uma postura anárquica, uma forma de reinventar o anarquismo no cotidiano. Sendo ele: “O hedonismo está para a moral assim como o anarquismo está para a política: uma opção vital, exigida por um corpo que se recorda.”

A teoria anarquista foi eleita inimiga prioritária tanto pelo capitalismo quanto pelo comunismo, que através da idéia de desgoverno, bagunça e outros tantos qualificativos utilizados para desvalorizá-la e como isso levá-lo a uma condição pré-política. Ao contrário do que se diz, as várias vertentes do anarquismo, ao defenderem a destruição do autoritarismo, valorizam a autonomia individual e a autogestão coletiva, e, para tanto, a disciplina e a auto-organização, porém não impostas e manipuladas por partido, governos ou religiões.

O anarquismo não é um modelo, um padrão a ser seguido. Apesar de defender princípios básicos e gerais, os vários anarquismos correspondem à diversidade entre os homens. “São diferentes rios que estão em paralelo, mas que vão desaguar no mesmo mar”, nas palavras de José Maria Carvalho, anarquista português.

Michel Onfray busca justamente nesta postura anti-autoritária da anarquia o fundamento para sua defesa da rebeldia como ponto de fuga do homem dominado por malhas de controle social. E propõe a vivência do prazer de existir como uma das principais armas de enfrentamento ao poder. No entanto, também sinaliza para os possíveis “anarquistas de plantão”, aqueles que acabam tendo uma leitura míope do anarquismo, que podem se tornar tão dogmáticos como qualquer outra ideologia política. O seu Condotierre é então essa figura hedonista e anárquica, que através da vivência do seu prazer, buscar escapar dos mandos e desmandos das práticas sociais hierarquizadas e autoritárias.

João da Mata é somaterapeuta, Psicólogo, Mestre em Filosofia e Doutorando em Sociologia Econômica e das Organizações na UTL e Doutorando em Psicologia na UFF.

BIBLIOGRAFIA

BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.

FREIRE, Roberto e MATA, João da. *Soma: uma terapia anarquista – corpo a corpo*. São Paulo: Sol e Chuva, 1996, v. 3.

HADOT, Pierre. *O Que é a Filosofia Antiga*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ONFRAY, Michel. *A Arte de ter prazer: por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A Escultura de Si: a moral estética. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

A Política do Rebelde: Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

STINER, Max. *O Único e sua Propriedade*. Obras Completas. Loausane. Suíça. Tradução do CCS/SP – Arquivo Jaime Cubero.